

Um caminho: empenham-se as jóias, com o aval do FMI

Ilustrações: Eduardo Hopper + Alex Freitas

Circula no tucanato uma idéia capaz de tirar o Brasil da crise. É simples, mas exige muito trabalho e pouco gogó.

Trata-se primeiro de pedir a bênção e um empréstimo ao Fundo Monetário Internacional, algo como US\$ 10 bilhões. Depois, tanto se pode pedir ao Governo americano alívio semelhante ao que o México recebeu em 1995 quanto é possível colocar no mercado papéis lastreados nas reservas de petróleo ou em ações das estatais brasileiras. Com a ajuda da Casa Branca, ou com os papéis, seriam levantados pelo menos mais US\$ 10 bilhões. Os mexicanos usaram sua receita de petróleo para garantir um empréstimo americano. FFHH escolheria o lastro: reservas de petróleo, papéis ou ambos. (Como Campos Salles, que ele admira e que empenhou a renda da Alfândega aos banqueiros ingleses.)

O caminho existe. A Tailândia e a Indonésia já negociaram resgates de US\$ 40 bilhões. A dificuldade surgirá na hora do trabalho. Para mover essa roda o Governo precisará primeiro de um banho de humildade. O ministro Pedro Malan, por exemplo, terá que engolir a resposta grosseira que deu, em agosto, a um relatório do Fundo que advertia o Governo para os riscos do seu déficit nas transações inter-



nacionais: "O Brasil não precisa de alerta de ninguém. Não estamos vivendo dificuldades para financiar um déficit de 4% a 5% do

PIB por mais dois ou três anos". Pelo que se vê agora, o que o Governo mais precisava era de alertas. Malan não terá dificul-

dades para financiar o déficit por mais dois ou três anos pelo simples fato de que luta para finanziá-lo por mais dois ou três

meses.

Será preciso trabalhar duro na montagem da engenharia financeira da pretensão. O projeto

acabará passando pelo vice-diretor executivo do FMI, Stanley Fischer. Será difícil negociar com ele sem ter o item da desvalorização cambial na pauta.

Fischer é um ex-professor do Massachusetts Institute of Technology, autor de um livro clássico de economia, escrito a quatro mãos com seu colega Rudiger Dornbusch. Dornbusch é aquele americano que passou por Pindorama em 1996, dizendo que FFHH deveria condecorar Gustavo Franco, mandá-lo para Angra dos Reis e, em seguida, desvalorizar o câmbio. Insultaram-no, insinuando até mesmo que a proposta se destinava a alavancar o preço de suas palestras. Como essa prática é comum no mercado dos sábios que quebraram o Brasil e depois abriram casas de tarô econômico, acreditou-se que um professor do MIT fosse capaz de fazer o mesmo jogo.

Há algum tempo Dornbusch editou um livro sobre a política econômica de países que estão abrindo seus mercados. Nele, citou uma receita de 13 cuidados essenciais, feita pelo economista Arnold Harderger (Universidade de Chicago). No fim, acrescentou uma 14^a recomendação: "Sigam o conselho de Stanley Fischer, não sobrevalorizem a moeda".